

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero*

*Locality restrictions in diminutive formation in Brazilian Portuguese: a mapping a dependence relation between *-inh* and gender*

Paula Roberta Gabbai Armelin

(Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.)

RESUMO:

*Este trabalho investiga a estrutura morfossintática das formações de diminutivo do português brasileiro construídas com o formativo *-inh*. A partir de uma perspectiva sintática de formação de palavras, propomos que *-inh* não é capaz de projetar seu rótulo na estrutura sintática. Propomos também que *-inh* se anexa a uma projeção de gênero, que é entendida como parte da projeção estendida do nome, sendo responsável por categorizar a raiz. Essa estrutura é capaz de derivar as relações de localidade apropriadas entre a raiz, o núcleo de gênero e o morfema de diminutivo, capturando as propriedades empíricas dessas formações.*

Palavras-chave: *Diminutivo. Gênero. Localidade. Morfossintaxe.*

* Programa de pós-graduação em Linguística da UFJF; Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída da Universidade de São Paulo (GREMD-USP). Agradeço aos pareceristas anônimos pelas importantes sugestões.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

ABSTRACT:

This work investigates the morphosyntactic structure of -inh diminutive formation in Brazilian Portuguese. Assuming a syntactic approach to word formation, it proposes that -inh is not able to project its label in the syntactic structure. It also proposes that -inh attaches to the gender projection, which categorizes the root and is understood as part of the extended projection of the noun. This structure is able to derive the locality relations between the root, the gender head, and the diminutive morpheme, capturing the empirical properties of these formations.

Key words: *Diminutive. Gender. Locality. Morphosyntax.*

Introdução

Há uma grande variedade de morfemas utilizados para construir diminutivos no português brasileiro, doravante PB. Dentre esses formadores, um dos mais produtivos é o morfema *-inh*, cujas formações constituem o domínio empírico deste trabalho. O diminutivo *-inh* precisa ser completado por uma vogal final. Na realização dessa vogal final, alguns pontos importantes precisam ser observados:

- (i) A raiz que participa da formação;
- (ii) O expoente fonológico da vogal final da forma não diminutiva;
- (iii) O traço de gênero da forma não diminutiva.

Mais especificamente, a vogal final que aparece linearmente depois do diminutivo pode ser fonologicamente condicionada pela raiz¹. Nesse mesmo sentido, a formação diminutiva apresenta o mesmo valor para o traço de gênero, quando comparada à forma não diminutiva-correspondente. Tal padrão pode ser visto nos pares de dados abaixo:

- (1) a. o problema o probleminha/ *o probleminho
 b. o cinema o cineminha/ *o cineminho

Nos dados em (1), parece estar acontecendo algum tipo de seleção não local, dado fato de que, do ponto de vista estritamente linear, o diminutivo interfere na proximidade entre a raiz e a vogal final, que é, na verdade, condicionada por ela.

1. Um parecerista anônimo questionou se, nas teorias construcionistas, a raiz poderia determinar a fonologia da raiz. Assumimos neste trabalho, com base em Embick (2010), que a interação fonológica entre quaisquer dois núcleos na estrutura sintática é possível desde que tais núcleos estejam em uma relação suficientemente local. É importante ressaltar, no entanto, que estamos falando puramente de fonologia e não de uma seleção de traços formais.

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

Esse cenário é, em princípio, um desafio para teorias localistas² de gramática (cf.: Embick 2010), que consideram que a interação entre dois elementos é delimitada por uma relação local estabelecida entre eles.

Neste artigo propomos que esse desafio é apenas aparente e que uma análise estritamente localista é capaz de dar conta da relação alomórfica entre raiz e vogal final, ainda que o diminutivo esteja presente na formação. Isso porque a interveniência do diminutivo não se verifica na hierarquia estabelecida entre os núcleos, uma vez que ele não projeta seu rótulo na estrutura sintática. A impossibilidade de que o diminutivo projete seu rótulo explica, então, a manutenção, tanto do expoente fonológico da vogal final da forma não diminutiva, como a manutenção do traço de gênero, que é idêntico, esteja ou não o morfema de diminutivo presente na formação.

Nesse sentido, a ideia de base que guia este trabalho é a de que as relações de localidade estabelecidas entre raiz, vogal final e diminutivo são essenciais na busca de uma análise morfossintática que seja capaz de derivar o comportamento dos dados, enquanto mantém o custo derivacional ao mínimo possível. Para tanto, assumimos, com base em Armelin (2014), que a vogal final seja, na verdade, expoente fonológico do núcleo sintático identificado como uma projeção de gênero, que é parte da projeção estendida do nome. A partir daí investigamos, neste trabalho, tomando por base o comportamento empírico dos dados, quais são as relações hierárquicas estabelecidas entre os elementos que participam da formação do diminutivo.

Para a implementação da proposta, assumimos uma teoria sintática de formação de palavras (cf.: Halle; Marantz 1993, Marantz 1997, Borer 2003, Borer 2005a, Borer 2005b, entre outros), na qual a sintaxe é o único componente gerativo, sendo, portanto, responsável pelas relações hierárquicas estabelecidas seja no interior da palavra, seja no domínio das sentenças. De maneira geral, propomos que o morfema de diminutivo se anexa à projeção de gênero que aloja o expoente fonológico da vogal final e os traços de gênero da formação. Na ausência de afixos derivacionais, a própria projeção de gênero, enquanto segmento de projeção estendida, é responsável por categorizar a raiz (cf.: Borer 2005a, 2005b, 2013). A correlação entre a presença de um núcleo de gênero e a presença do morfema de diminutivo é corroborada pelos dados de formações participais e gerundivas. No caso dos participípios, o morfema de diminutivo só é licenciado quando a forma participial pode ser flexionada em gênero e número. Por outro lado, no que diz respeito às formações gerundivas, a flexão em gênero

2. Chamamos de teorias localistas as abordagens que postulam uma arquitetura de gramática em que a interação entre morfologia e fonologia é licenciada através de domínios definidos de estrutura sintática. Nesse sentido, a forma fonológica está diretamente ligada aos processos que criam estruturas complexas e a interface entre morfologia e fonologia precisa ser limitada no sentido de refletir essa organização serial da gramática. Abordagens sintáticas de formação de palavras, tal como a Morfologia Distribuída (Halle; Marantz 1993, Marantz 1997 e trabalhos subsequentes) e o Modelo Exoesquelético (Borer 2003, Borer 2005a, Borer 2005b, entre outros) são consideradas localistas. Para um aprofundado debate entre teorias localistas e globalistas, remetemos o leitor à obra de Embick (2010).

e número, que na ausência do diminutivo é impossível, fica imediatamente disponível diante da anexação do diminutivo.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, explicitamos os ingredientes teóricos utilizados para a implementação da proposta; na seção 3, por sua vez, são descritas as propriedades empíricas das formações de diminutivo do PB; já na seção 4, apresentamos e discutimos a proposta sintática de Wiltschko e Steriopolo (2007), apontando que os parâmetros translinguísticos propostos pelas autoras, apesar de bastante abrangentes, não dão conta de derivar o comportamento dos dados de diminutivo do PB; na seção 5, desenvolvemos, então, uma proposta de estrutura morfossintática para as formações diminutivas. Tal estrutura é capaz de dar conta do comportamento empírico descrito na seção 3, sem contudo apresentar os problemas detectados na proposta de Wiltschko e Steriopolo (2007); na seção 6, colocamos em discussão a proposta desenvolvida em Bachrach e Wagner (2006). A proposta dos autores é, então, comparada à proposta desenvolvida na seção 5, evidenciando que essa última tem a vantagem de não sobregerar dados que seriam esperados no sistema proposto por Bachrach e Wagner (2006), mas não são encontrados na língua; por fim, a seção 7 traz as considerações finais.

2. As bases teóricas

Nesta seção apresentamos, de maneira breve, os pontos centrais da base teórica que sustenta a implementação da análise que será desenvolvida nas próximas seções deste trabalho.

2.1 *Abordagens sintáticas de formação de palavras*

Analisando nominalizações derivadas e gerundivas do inglês, Chomsky (1970) inaugura uma tipologia que separa operações que ocorrem na sintaxe de operações que ocorrem no léxico. O autor elenca uma série de argumentos com o intuito de mostrar que as formações gerundivas são regulares e previsivelmente compartilham propriedades com os verbos a que se relacionam. Por outro lado, este não seria o caso dos nominais derivados, em que idiosincrasias tanto de ordem sintática, como de ordem semântica, seriam comumente encontradas. Com base nessas observações, Chomsky (1970) propõe a retirada das nominalizações derivadas da sintaxe e as relega ao componente lexical, dando origem ao que ficou conhecido na literatura como Hipótese Lexicalista.

De maneira geral, é possível identificar duas vertentes da Hipótese Lexicalista. Uma delas, conhecida como Hipótese Lexicalista Forte (Halle 1973), propõe ser o léxico, por excelência, o componente no qual as palavras devem ser formadas. Por outro lado, a chamada Hipótese Lexicalista Fraca (Aronoff 1976) faz uma divisão entre palavras derivadas, que seriam da alçada

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

do componente lexical e palavras flexionadas que, por sua vez, deveriam receber tratamento sintático. Ambas as vertentes, no entanto, compartilham da assunção de que mecanismos gerativos de estrutura acontecem em dois lugares diferentes – dentro do léxico e fora dele –, o que resulta em uma espécie de redundância na arquitetura da gramática.

Nas abordagens lexicalistas, o item lexical, elemento estocado no léxico e que serve de matéria-prima para a sintaxe, apresenta uma série de propriedades das mais diversas naturezas: ele contém a informação fonológica e o significado a ela associado. Além disso, o item lexical é intrinsecamente equipado com informações que se traduzem como verdadeiras instruções para a estruturação sintática e para as operações formais da semântica, tal como o rótulo categorial e o contexto de inserção.

Modelos baseados nessa noção de léxico acabam por assumir a ideia de que, em algum nível, a estrutura sintática é, basicamente, o resultado da projeção de instruções lexicalmente codificadas. Rappaport Hovav e Levin (1998) se referem a esse tipo de abordagem como *Projecionista*. A projeção sintática, nesse sentido, nada mais é do que uma espécie de “checagem” de propriedades que são intrínsecas aos itens lexicais e independentes da sintaxe. Repetir essas informações através da projeção de estrutura sintática introduz uma redundância no sistema.

Contrapondo-se a esse tipo de abordagem centrada no léxico, as abordagens sintáticas de formação de palavras, tal como a Morfologia Distribuída (Halle; Marantz 1993, Marantz 1997 e trabalhos subsequentes), doravante MD, e o Modelo Exoesqueletal (Borer 2003, 2005a, 2005b, 2013 e trabalhos subsequentes), doravante XS, propõem a existência de um único componente gerativo de estrutura hierárquica, a sintaxe, que fica responsável pela formação de palavras, sintagmas ou mesmo sentenças. A formação de palavras passa, então, a ser computada através dos mesmos princípios e operações, tal como *merge* e *move*, por exemplo, que são assumidos na estruturação de sentenças. Dentro desse contexto teórico, este trabalho busca, então, desenvolver uma proposta de estruturação sintática para a formação de diminutivos no PB.

Outro ponto de convergência entre as propostas sintáticas de formação de palavras é a importância dada à noção de localidade, na qual a interação entre nós sintáticos passa a ser restrita por domínios bem definidos dentro da estrutura sintática. Nesse sentido, por exemplo, a interface entre sintaxe-fonologia ou a interface entre sintaxe-semântica precisa ser limitada no sentido de refletir uma organização serial da gramática. Tanto o quadro teórico da MD, como o modelo XS assumem, em algum nível, a ideia de que os traços gramaticais e semânticos com os quais a sintaxe opera são desprovidos de conteúdo fonológico. A associação entre realização fonológica e os nós terminais gerados na computação, ocorrerá somente pós-sintaticamente no mapeamento para a Forma Fonológica. A proposta desenvolvida neste trabalho insere-se,

portanto, no contexto geral das abordagens localistas de gramática, assumindo, por exemplo, que a interação alomórfica entre dois nós sintáticos depende, essencialmente, de uma relação local estabelecida entre eles. Em resumo, portanto, este trabalho desenvolve uma proposta sintática de formação de palavras na análise do diminutivo *-inh* do PB, implementada através da ideia de que a interação entre nós da estrutura sintática é restrita pela necessidade de que tais elementos estejam suficientemente locais um ao outro. O modelo da MD e o quadro teórico XS apresentam, no entanto, algumas diferenças importantes entre si. Uma delas diz respeito, especificamente, ao processo através do qual as raízes, entidades desprovidas de categoria, passam a ser categorizadas. Tal ponto é relevante para o desenvolvimento da proposta deste trabalho e será discutido na próxima subseção.

2.2 Sobre o processo de categorização das raízes

As tradicionais categorias lexicais – nome, verbo, adjetivo – não têm estatuto de primitivo dentro das abordagens sintáticas de formação de palavras. Tal fato é consequência da assunção de que as raízes são elementos desprovidos de categoria. A noção de acategorialidade das raízes é baseada no fato empírico de que uma única raiz pode formar diferentes categorias, tal como em *falar*, *falação* e *falante*, em que a mesma raiz $\sqrt{\text{FAL}}$ se faz presente em um verbo, um nome e um adjetivo, respectivamente. Esse fato tem, no entanto, recebido diferentes implementações formais em diferentes modelos teóricos.

Na MD, por exemplo, a categorização das raízes se dá através da postulação da existência de núcleos funcionais especializados (*n*, *v*, *a*), responsáveis por fornecer categoria à estrutura a que eles se anexam. Tais núcleos fazem parte do conjunto de elementos funcionais da língua e estão sujeitos ao processo de Inserção de Vocabulário. Embick e Noyer (2007) sistematizam a necessidade de concatenação entre raiz e núcleo categorizador através da Hipótese de Categorização (*Categorization Assumption*) delineada abaixo:

Hipótese de categorização: as raízes não podem aparecer se não forem categorizadas; as raízes são categorizadas através da sua combinação com um núcleo funcional definidor de categoria. (Embick; Noyer 2007:296 – tradução nossa³)

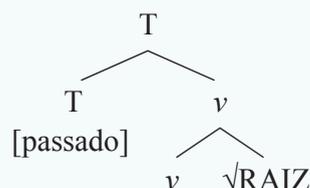
Nessa perspectiva, portanto, a raiz, desprovida de traços gramaticais, precisa estar localmente atrelada a um núcleo funcional categorizador. A necessidade de que a raiz se concatene a um núcleo especializado, tal como proposto pela MD, é amplamente questionada no modelo XS. Mais especificamente, Borer (2005a, 2005b, 2013) propõe que segmentos da Projeção Estendida, no sentido

3. *Categorization Assumption*: Roots cannot appear without being categorized; Roots are categorized by combining with category-defining functional heads. (Embick; Noyer 2007:296)

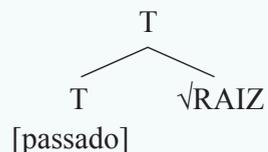
Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

de Grimshaw (1991), possam se concatenar diretamente à raiz e, mais do que isso, que tais elementos são capazes de categorizá-la. Para exemplificar, em linhas gerais, a diferença entre a proposta de categorização da MD e aquela proposta no modelo XS⁴, vejamos a formação de passado do inglês:

- (2) MD: necessidade de um núcleo categorizador



- (3) XS: a raiz pode se concatenar a núcleos da Projeção Estendida



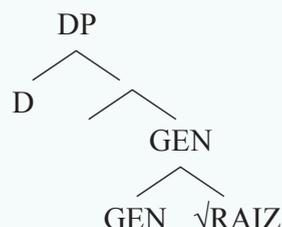
A concatenação entre a raiz e segmentos da Projeção Estendida não parece ser possível dentro do modelo da MD, uma vez que a raiz precisa se concatenar a um categorizador antes que ela possa se juntar a qualquer nó funcional. No quadro teórico XS, no entanto, a estrutura c-comandada por um núcleo do tipo T é necessariamente equivalente a um verbo. Diante disso, a presença de um núcleo *v* em (2), por exemplo, acaba por introduzir uma espécie de redundância no sistema. É importante ter em mente que a postulação de núcleos categorizadores obrigatoriamente concatenados à raiz tem consequências para a computação de relações de localidade, tal como fica evidente na teoria de Embick (2010) a respeito dos domínios capazes de licenciar interações alomórficas. Em linhas gerais, é preciso assumir, por exemplo, que, na estrutura em (2), o categorizador *v*, apesar de estar presente, não interfere na localidade entre raiz e T, uma vez que a realização fonológica de T pode ser determinada pela raiz.

Nós assumimos, neste trabalho, a ideia de que as raízes não possuem uma categoria sintática previamente estabelecida, sendo que a categorização será contextualmente dada na relação que elas estabelecem com outros elementos na estrutura sintática. Dessa maneira, núcleos categorizadores nos moldes propostos pela MD são capazes de fornecer categoria à estrutura, o que fica evidente na presença de afixos derivacionais. Assumimos também, no entanto, que, na ausência de elementos derivacionais, os segmentos da Projeção Estendida, tal como proposto no modelo XS, são capazes de categorizar as raízes.

4. Ressaltamos que a estrutura em (3) é bastante simplificada, uma vez que, no modelo XS, os segmentos da Projeção Estendida são entendidos como pares, em que um dos elementos projeta e apresenta um valor semântico aberto, enquanto o outro membro do par especifica a variedade que tal valor deve assumir (cf.: Borer 2013a, capítulo 6).

Nesse sentido, no que diz respeito especificamente à formação de nomes, tomamos como ponto de partida a estrutura sintática básica encontrada abaixo (cf.: Armelin 2015)⁵:

(4) Estrutura básica de partida para nomes



A raiz, entendida como elemento desprovido de valor gramatical ou de qualquer traço sintático que seja capaz de dar pistas à derivação sintática, não projeta estrutura argumental, nem seleciona argumentos. Em termos de *Bare Phrase Structure* (cf.: Chomsky 1995), as raízes são, ao mesmo tempo, projeções mínimas e máximas: elas não são a projeção de nenhum núcleo, nem projetam nenhuma estrutura. Dessa maneira, a concatenação entre uma raiz e o núcleo de gênero (GEN) é responsável por fornecer, contextualmente, uma categoria nominal à raiz. O núcleo GEN, por sua vez, é entendido como parte da projeção estendida do nome. A projeção estendida (cf.: Grimshaw 1991) é uma unidade que consiste de um núcleo lexical e de toda projeção funcional erguida sobre essa projeção lexical.

A questão que imediatamente emerge a partir daí diz respeito à investigação das relações estruturais de hierarquia e localidade estabelecidas entre a raiz, o morfema de diminutivo e o núcleo GEN. Para tanto, será necessário, no entanto, olhar para as propriedades empíricas das formações de diminutivo, principalmente, para aquelas que fornecem pistas a respeito das relações de localidade.

3. Evidências empíricas das relações de localidade estabelecidas nas formações de diminutivo

Nesta seção, sistematizamos o comportamento empírico do formador de diminutivo *-inh*, selecionando como ponto central as propriedades que nos fornecem pistas a respeito das relações de localidade estabelecidas entre raiz, diminutivo e o núcleo de gênero. Para tanto, trazemos várias propriedades já notadas na literatura que se debruçou sobre o tema (cf.: Câmara Jr. 1970, Leite 1974, Moreno 1977, Menuzzi 1993, Lee 1995, Vilalva 2000, Ferreira 2005,

5. Os galhos sem rótulo na árvore são espaços para outros núcleos funcionais que possam fazer parte da projeção estendida dos nomes, mas que não são foco de nossa análise.

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

Bacharach; Wagner 2007, Bisol 2010) e acrescentamos outras percebidas no percurso de nossa própria pesquisa.

3.1 A relação entre diminutivo e traços nominais

O comportamento empírico do diminutivo no PB parece apontar para uma interessante correlação entre a presença de traços nominais, tais como gênero e número, por exemplo, e a possibilidade de anexação do formador *-inh*. Algumas evidências dessa correlação podem ser vistas:

- (i) Na interação entre a presença do diminutivo e os auxiliares que participam das construções de participípio;
- (ii) Na relação entre a marca de diminutivo e as formações gerundivas.

No primeiro caso, o diminutivo só pode ser licenciado em contextos nos quais o participípio aceita também flexões de número e de gênero. Por outro lado, no segundo caso, a presença do morfema de diminutivo parece ser capaz de licenciar a flexão de gênero e de número nas formações de gerúndio. É importante ressaltar que está fora do escopo deste artigo desenvolver uma proposta que dê conta da formação de gerúndios ou de participípios no PB. A correlação, no entanto, entre a possibilidade de flexão de gênero/número e a anexação do diminutivo parece estar apontando para uma análise formal que associe a formação diminutiva à presença de traços nominais.

Nesse sentido, os participípios no PB podem ser construídos com os auxiliares ‘ser/estar’ ou ‘ter/haver’. A primeira dupla de auxiliares tem em comum o fato de licenciar flexão de gênero ou de número, ao contrário do que acontece com o segundo par.

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------|
| (5) a. A comida está pronta. | As comidas estão prontas. |
| b. O relatório está pronto. | Os relatórios estão prontos. |
| c. O papel já foi conferido. | Os papéis já foram conferidos. |
| d. A ata já foi conferida. | As atas já foram conferidas. |
| (6) a. Ele tem corrido todos os dias. | Eles têm corrido todos os dias. |
| b. Ela tem corrido todos os dias. | Elas têm corrido todos os dias. |
| c. Ele já havia saído. | Eles já haviam saído. |
| d. Ela já havia saído. | Elas já haviam saído. |

Diante desse cenário, é interessante notar que os participípios construídos com os auxiliares ‘ser/estar’ são exatamente aqueles que, além de apresentarem flexão de gênero e número, também aceitam a presença de diminutivo. Por outro lado, os participípios construídos com ‘ter/haver’, além de não permitirem marcas de gênero ou número, também são agramaticais com a marca de diminutivo.

- | | | |
|-----|-------------------------------------|-------------------------------------|
| (7) | a. O jantar está pronto. | O jantar está prontinho. |
| | b. A comida está pronta. | A comida está prontinha. |
| | c. O documento já foi conferido. | O documento já foi conferidinho. |
| | d. A documentação já foi conferida. | A documentação já foi conferidinha. |
| (8) | a. Ele tem corrido todos os dias. | *Ele tem corridinho todos os dias. |
| | b. Ela tem corrido todos os dias. | *Ela tem corridinho todos os dias. |
| | c. Ele já havia saído. | *Ele já havia saidinho. |
| | d. Ela já havia saidinho. | *Ela já havia saidinho. |

O fato de as construções participiais que apresentam flexão de gênero e número serem aquelas que podem licenciar a presença do formador de diminutivo *-inh* parece apontar que a formação do diminutivo está bastante relacionada à presença de traços nominais.

Outra evidência independente de que deve haver alguma relação entre a presença de traços nominais e a possibilidade de anexação do diminutivo vem da relação entre tal formativo e as formas de gerúndio. O gerúndio no PB é caracterizado por não se flexionar, nem em gênero, nem em número. Nesse sentido, independentemente dos traços formais que compõem o sujeito a que ele está associado, a forma do gerúndio permanece inalterada.

- (9)
- O menino está chorando.
 - A menina está chorando/*choranda.
 - Os meninos estão chorando/*chorandos.
 - As meninas estão chorando/*chorandas.
- (10)
- O bar está bombando.
 - A balada está bombando/*bombanda.
 - Os bares estão bombando/*bombandos.
 - As baladas estão bombando/*bombandas.

Desse modo, a tentativa de se realizar o gerúndio com a marca de feminino *-a* ou com a marca de plural *-s*, resulta em formações agramaticais. Por outro lado, na presença do diminutivo, a flexão, tanto de gênero, como de número fica disponível⁶. Os dados de diminutivos correspondentes a (9) e (10), podem ser vistos em (11) e (12) abaixo.

6. Tal como apontado por parecerista anônimo, ressaltamos que a associação entre gerúndio, diminutivo e flexão de gênero/número é um fenômeno circunscrito a determinadas variantes do PB. Seguem abaixo dados retirados de páginas brasileiras da internet através do site de buscas Google em 12/06/2017.

a. Hoje é aniversário da Britney! E ela tá “namorandinha” o Jason! (<http://www.papelpop>).

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

- (11) a. O menino está chorandinho.
 b. A menina está chorandinha.
 c. Os meninos estão chorandinhos.
 d. As meninas estão chorandinhas.
- (12) a. O bar está bombandinho.
 b. A balada está bombandinha.
 c. Os bares estão bombandinhos.
 d. As baladas estão bombandinhas.

Uma plausível interpretação desses fatos é a ideia de que o diminutivo seja, na verdade, dependente da presença de um núcleo de gênero. Essa é a proposta que será desenvolvida neste trabalho.

3.2 A seleção da vogal final

O formador de diminutivo *-inh* precisa ser completado por uma vogal final. As possibilidades de expoente fonológico da vogal final que linearmente segue o diminutivo estão restritas aos expoentes fonológicos *-o* e *-a*.

- (13) a. o livro o livrinho
 b. a mesa a mesinha
 c. o pente o pentinho
 d. a lente a lentina
 e. o anel o anelinho
 f. a colher a colherinha

O expoente fonológico *-e*, bem como o \emptyset não são possíveis terminações para o diminutivo *-inh*. Dessa maneira, se a forma não diminutiva se realiza com uma dessas terminações, o diminutivo é completado com as vogais *default* para cada categoria de gênero. Note que, mesmo nesses casos, o valor do traço de gênero é mantido.

É importante notar, no entanto, que, nem sempre, a forma fonológica da vogal final que segue o morfema diminutivo corresponde às marcações de gênero mais gerais do PB. Nesse sentido, é possível encontrar casos nos quais o diminutivo é seguido pela vogal *-a*, sendo que a formação é masculina:

- (14) a. o problema o probleminha *o probleminho
 b. o cometa o cometinha *o cometininho
 c. o poema o poeminha *o poeminho

com/2009/12/hoje-e-aniversario-da-britney-e-ela-ta-namorandinha-o-jason/)
 b. Uma foto nossa chorandinhos só pra te desejar um feliz aniversário. (http://www.thepicta.com/user/gabico_/319948700)

Como o expoente fonológico *-a* é marcado em formações de gênero masculino, ele precisa ser mapeado através de algum tipo de relação de dependência que leva em conta a raiz da formação. Tal vogal marcada é, no entanto, preservada na formação do diminutivo, apesar de linearmente, o diminutivo intervir entre a raiz e essa vogal final. Aparentemente, nós estamos, então, diante de um caso de seleção não local: um núcleo parece selecionar algo apesar da intervenção de um outro núcleo que, supostamente, deveria desfazer a relação de localidade entre eles.

Esse mesmo fato é observado nas formações derivadas, como podemos ver nas formações terminadas em *-ist(a)*, por exemplo: a vogal final *-a*, que completa o sufixo relevante, independentemente dos valores de gênero, é preservada na formação diminutiva correspondente.

- | | |
|------------------|---------------------------|
| (15) a. pianista | pianistinha/ *pianistinho |
| b. dentista | dentistinha/ *dentistinho |
| c. florista | floristinha/ *floristinho |

Nos casos acima, a vogal final é claramente determinada pelo sufixo derivacional, e não pela raiz. Isso mostra que, diferentemente do formador de diminutivo, o sufixo derivacional interfere na relação de localidade entre a raiz e o núcleo de gênero, de tal forma que a raiz não seja mais capaz de condicionar o expoente fonológico que realiza o núcleo GEN. Novamente, no entanto, a vogal final condicionada pelo sufixo derivacional é mantida na formação diminutiva, apesar de o marcador de diminutivo intervir linearmente entre o afixo derivacional e a vogal final que ele seleciona.

3.3 Interação com morfologia derivacional

Outro ponto interessante na relação entre o diminutivo e a categorização é que a morfologia derivacional precisa anteceder o morfema de diminutivo⁷, como podemos observar nos contrastes abaixo:

- | | |
|--------------|-----------|
| (16) a. faca | faquinha |
| facada | facadinha |

7. Salvo em casos de diminutivos não composicionais, tal como em *caipirinha*, interpretada como um tipo de bebida, e a derivação correspondente *caipirinhada*, que pode ser interpretada como um evento com bastante caipirinha, por exemplo. Ainda assim, a sequência *diminutivo-morfema* derivacional tende a ser evitada pelos falantes de PB, resultando em construções do tipo *caipirada* em substituição à forma *caipirinhada*, como se pode ver abaixo em dado retirado da internet:

(a) “Sexta do Quevedão apresenta: 1º Caipirada... a festa oficial da caipirinha” (<http://www.evento.br.com/eventos-arquivo/388147/sexta-do-quevedao-apresenta-1-caipirada-a-festa-oficial-da-caipirinha>)

Segundo parecerista anônimo, estaríamos diante de um bom exemplo da tendência de se evitar a flexão dentro da derivação (Universal 28 de Greenberg (1963)).

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

*faquinhada	(provável sentido: uma facada executada com uma faca pequena)
b. laranja	laranjinha
laranjeira	laranjeirinha
*laranjinheira	(provável sentido: uma árvore de laranjas pequenas)
c. piano	pianinho
pianista	pianistinha
*pianinhista	(provável sentido: uma pianista que só toca pianos pequenos)

Como os dados acima ilustram, é possível criar um diminutivo a partir de uma forma derivada, mas o oposto não é verdadeiro. É interessante ter em mente que tal assimetria não pode ser explicada por meio de qualquer restrição ou inadequação na esfera do significado, uma vez que seria possível até mesmo prever o significado das formas hipotéticas.

3.4 O diminutivo em processos fonológicos

O comportamento do formador *-inh* em relação a alguns processos fonológicos do PB também tem chamado a atenção dos pesquisadores que se debruçaram sobre o tema. Um desses processos é conhecido como Neutralização Vocálica (Wetzels 1991a, 1991b, 1992) e diz respeito à qualidade das vogais médias no processo derivacional. Mais especificamente, as vogais médias /ε, ɔ/ em posição tônica mudam para /e, o/, respectivamente, se passarem para uma posição átona durante um processo derivacional. No entanto, apesar de a anexação de *-inh* deslocar o acento tônico em relação à base, ela não desencadeia o processo de neutralização das vogais médias: não há alteração da vogal média-baixa para vogal média-alta com a anexação do diminutivo.

(17) a. b[ε]rro	b[e]rreiro	b[ε]rrinho/ *b[e]rrinho
b. s[ε]rra	s[e]rralheria	s[ε]rrinha/ *s[e]rrinha
c. p[ɔ]rta	p[o]rtaria	p[ɔ]rtinha/ *p[o]rtinha
d. esc[ɔ]la	esc[o]larização	esc[ɔ]linha/ *esc[o]linha

Nos dados acima, a coluna do meio é composta por derivações nas quais há alteração no traço de altura da vogal média que compõe a base. Os diminutivos da terceira coluna, por sua vez, não provocam a Neutralização Vocálica, trazendo o mesmo traço de altura da vogal média que compõe as formas não derivadas correspondentes.

Ainda sobre a fonologia dos processos derivacionais, um aspecto interessante é que, alguns afixos, desencadeiam regras de alomorfia, tais como a regra de assibilação e a regra de abrandamento de velar (Lee 1999). Mas

essas regras não se aplicam aos formadores produtivos de diminutivo ou de aumentativo.

- (18) a. ascenden[t]e ascendê[n]s]ia ascendentinho/*ascenden[s]inho
 b. agen[t]e agê[n]s]ia agentinho/*agê[n]s]inho
 c. delinquen[t]e delinquê[n]s]ia deliquentinho/*delinquê[n]s]inho
- (19) a. astrólo[g]o astrolo[z]ia astrolo[g]uinho/*astrolo[z]inho
 b. biólo[g]o biolo[z]ia biolo[g]uinho/ *biolo[z]inho
 c. elétri[k]o eletri[s]idade eletri[k]inho/ *eletri[s]inho

Como nos paradigmas anteriores, os morfemas derivacionais desencadeiam mudanças fonológicas na base. Tal fenômeno não ocorre, no entanto, na formação dos diminutivos, que conservam as mesmas características fonológicas das formas não derivadas correspondentes.

Por fim, a relação entre a formação de diminutivo e a nasalização também revela aspectos interessantes. No geral, afixos derivacionais atraem o acento da formação e a vogal que era tônica e nasal na base torna-se átona e não sofre nasalização. Nos diminutivos, tal como ocorre nos processos derivacionais, há deslocamento do acento. No entanto, a vogal que era tônica e nasal na base continua nasalizada, apesar de perder sua tonicidade, ou de carregar apenas o acento secundário.

- (20) a. f[ã]ma f[a]moso f[ã]minha/ *f[a]minha
 b. c[ã]ma c[a]mareira c[ã]minha/ *c[a]minha
 c. l[ã]ma l[a]maçal l[ã]ma/ *l[a]minha

Como se pode ver acima, as formações com o diminutivo na terceira coluna trazem o mesmo traço de nasalidade da vogal da forma não derivada. Ao contrário disso, os elementos derivacionais, ao deslocarem o acento da base, desfazem, também, a nasalidade dela⁸.

Em suma, é possível dizer que o diminutivo não apresenta interação alomórfica com a base, de modo que processos fonológicos comuns no PB não se aplicam nas formações de diminutivo.

4. Wiltschko e Steriopo (2007): parâmetros de variação na sintaxe do diminutivo

Wiltschko e Steriopo (2007), dentro de uma perspectiva sintática de formação de palavras, estabelecem parâmetros que, translinguisticamente,

8. Tal como apontado por parecerista anônimo, a nasalidade da vogal da raiz nos dados da segunda coluna em (20) está sujeita à variação regional. É importante ressaltar, no entanto, que os dados da terceira coluna em (20), ou seja, as formas que apresentam o afixo de diminutivo, não apresentam essa mesma variação.

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

seriam capazes de mapear a posição estrutural do diminutivo. Na busca de uma proposta sintática para os diminutivos do PB, é importante, então, investigar se – e o quanto – a proposta dessas autoras poderia se mostrar adequada.

Assim, baseadas na comparação entre dados de diminutivo do alemão, do *halkomelem* e do russo, Wiltschko e Steriopolo (2007) propõem que a sintaxe dos diminutivos pode variar de acordo com os dois parâmetros abaixo:

- (i) O estatuto da anexação do diminutivo: como núcleo ou como adjunto;
- (ii) O lugar de anexação do diminutivo: acima ou abaixo do primeiro núcleo categorizador.

Em relação ao primeiro dos parâmetros, diminutivos que se comportam como núcleo são capazes de determinar algumas propriedades formais da base, tal como gênero ou o estatuto massivo/contável, por exemplo. Por outro lado, diminutivos que se comportam como adjuntos apenas conservam as propriedades formais da base, sem ser capaz de alterá-las.

O segundo parâmetro, por sua vez, está associado ao lugar de anexação do diminutivo, que, segundo as autoras, pode ser acima ou abaixo do primeiro categorizador da estrutura. Assim, se anexado antes do elemento que categoriza a raiz, ou seja, abaixo do nível da palavra, o diminutivo pode participar da formação de várias categorias diferentes. Por outro lado, há línguas em que o diminutivo se anexa a categorias restritas. Nesse caso, as autoras propõem que o diminutivo entra na estrutura sintática somente depois que a base já está categorizada.

Diante dos parâmetros propostos por Wiltschko e Steriopolo (2007) há quatro possibilidades lógicas de anexação do diminutivo na estrutura sintática:

- (a) Diminutivos que são núcleos de suas formações e que se anexam depois da categorização da raiz;
- (b) Diminutivos que são núcleos e que se anexam a raízes ainda não categorizadas;
- (c) Diminutivos que são adjuntos e que se concatenam acima do primeiro núcleo categorizador;
- (d) Diminutivos que são adjuntos e que entram na estrutura sintática abaixo do categorizador.

Uma tabela que sistematiza as propriedades detectadas pelas autoras em cada um dos parâmetros propostos pode ser vista a seguir:

Tabela 1 - Os parâmetros propostos em Wiltschko e Steriopolo (2007)

	Núcleo	Adjunto
1. Abaixo do categorizador	- Determina as propriedades formais; - Participa da formação de categorias variadas.	- Não determina as propriedades formais; - Participa da da formação de categorias variadas.
2. Acima do categorizador	- Determina as propriedades formais; - É restrito a uma única categoria.	- Não determina as propriedades formais; - É restrito a uma única categoria.

Na próxima seção buscamos avaliar os parâmetros e diagnósticos desenvolvidos em Wiltschko e Steriopolo (2007), verificando se as previsões que eles fazem para os dados de diminutivo do PB efetivamente se realizam na língua.

4.1 Discutindo os parâmetros de Wiltschko e Steriopolo (2007) à luz dos dados do PB

Os parâmetros e diagnósticos propostos em Wiltschko e Steriopolo (2007) geram resultados contraditórios quando confrontados com os dados do PB. No que diz respeito à primeira divisão proposta pelas autoras, a saber, o parâmetro que diferencia a anexação do diminutivo como núcleo ou como adjunto, podemos dizer que os diminutivos do PB parecem se comportar como adjuntos, uma vez que eles não são capazes de determinar as propriedades formais, tais como gênero e categoria, da estrutura a que se anexam. A ideia de que os diminutivos do PB tem estatuto sintático de adjunto também está presente na proposta de Bachrach e Wagner (2006). Essa intuição será mantida na análise que trazemos na próxima seção, implementada através da proposta de que o diminutivo no PB não projeta seu núcleo acima na estrutura sintática. Uma vez definido o estatuto do diminutivo como adjunto, emerge, imediatamente, a questão que diz respeito a qual é o lugar de adjunção desse elemento, ou seja, é preciso identificar precisamente a que projeção sintática o diminutivo pode se adjungir.

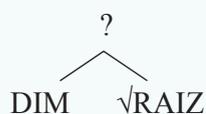
Para tanto, é importante olharmos para o segundo parâmetro proposto em Wiltschko e Steriopolo (2007), que diz respeito à variação do lugar de anexação do diminutivo translinguisticamente: abaixo do primeiro categorizador ou acima dele. Podemos dizer que a anexação do diminutivo no PB não está restrita a uma única categoria. Dessa forma, encontramos na língua o morfema *-inh* participando da formação de diversas categorias, tal como pode ser visto abaixo:

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

- | | | | |
|---------|----------|-------------|--------------|
| (21) a. | carro | carrinho | (nome) |
| b. | lindo | lindinho | (adjetivo) |
| c. | agora | agorinha | (advérbio) |
| d. | feito | feitinho | (particípio) |
| e. | correndo | correndinho | (gerúndio) |

Tomando por base o segundo parâmetro proposto em Wiltschko e Steriopolo (2007), o comportamento empírico do diminutivo no PB nos leva a crer que *-inh* deve se anexar a uma estrutura ainda não categorizada, do tipo que ilustramos a seguir:

- (22) Merge entre raiz e DIM

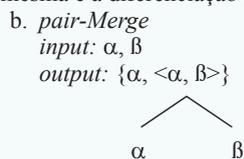
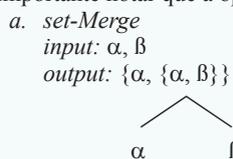


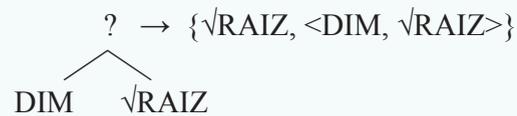
Do ponto de vista teórico, no entanto, não é muito claro qual deve ser o rótulo resultante do *merge* entre DIM e raiz. Tomando por base as propriedades empíricas do formador de diminutivo, faz sentido dizer que ele não pode projetar: (i) o diminutivo não determina nenhuma propriedade formal, tal como gênero ou categoria, da estrutura de que ele participa; (ii) o diminutivo não interfere no condicionamento fonológico entre raiz e GEN.

Ao se assumir, no entanto, que a própria raiz é que resulta como rótulo dessa concatenação com o diminutivo, surgem algumas questões muito importantes a respeito da natureza da raiz. Se tomamos por base a visão de que a raiz é um elemento acategorial, a consequência é que ela não pode projetar, nem selecionar argumentos. Se nem a raiz, nem o diminutivo podem atuar como rótulo da concatenação relevante e, se rótulos são elementos necessários para que a derivação seja licenciada nas interfaces, a estrutura em (22) não poderá ser gerada.

Vamos assumir, no entanto, que a raiz, apesar de sintaticamente inerte, possa receber adjuntos. Sendo assim, suponhamos que DIM seja uma espécie de adjunto da raiz e que a concatenação entre raiz e DIM se dê através de um mecanismo do tipo de *pair-Merge* (cf.: Chomsky 2000, 2004)⁹, resultando na rotulação abaixo:

9. Para dar conta das assimetrias entre argumentos e adjuntos, Chomsky (2000, 2004) propõe uma tipologia que subdivide a operação de Merge em *set-Merge* e *pair-Merge*, tal como ilustrado abaixo. É importante notar que a operação é a mesma e a diferenciação se dá em termos de rótulo.



(23) *Pair-merge* entre raiz e DIM

Mesmo que o problema de rotulação fique colocado para outras instâncias, ainda há problemas empíricos dos quais essa estrutura não consegue dar conta. O primeiro deles vem à tona quando o que está em jogo são as estruturas derivadas. Se o diminutivo fosse tão baixo na estrutura sintática, era de se esperar que ele pudesse preceder morfemas derivacionais, o que, como vimos na seção anterior, não se verifica nos dados do PB. O segundo problema está relacionado a processos fonológicos comuns no PB que não são desencadeados na presença do diminutivo. Se o diminutivo estivesse tão baixo na estrutura sintática era de se esperar, em uma abordagem localista, alguma evidência fonológica de interação entre DIM e raiz, o que não é empiricamente verificado nos dados, uma vez que o diminutivo não desencadeia qualquer alteração na fonologia da raiz.

Do ponto de vista semântico, também não é muito fácil defender o que significa ser um adjunto da raiz quando se assume que a raiz é desprovida de conteúdo semântico, fora de um contexto estrutural. Se é assim, no momento em que o diminutivo se concatena à raiz nua, ela ainda é desprovida de significação e a interpretação resultante desse *merge* é bastante obscura. Do ponto de vista computacional, portanto, o que exatamente significa ser um modificador de raiz não é nada óbvio.

Na seção de descrição das propriedades empíricas do diminutivo, nós detectamos uma interação entre a possibilidade de concatenação do diminutivo e a presença de traços nominais, tal como flexão de gênero e de número, nas construções participiais com os auxiliares *ser/estar*, bem como nas formações gerundivas. Se o diminutivo é tão baixo na estrutura e não projeta, essa relação de dependência entre o diminutivo e a presença de traços nominais é completamente inesperada e permanece sem explicação.

Por fim, é preciso questionar até que pontos os parâmetros propostos não são amplos demais, uma vez que eles propõem a existência de diminutivos que são altos ou baixos na estrutura sintática, bem como diminutivos que são adjuntos ou núcleos e tais possibilidades cobrem, em larga medida, muitas das possibilidades de estrutura sintática que se podem propor dentro de teoria formal. Assim, sendo, os parâmetros propostos em Wiltschko e Steriopolo (2007) enfrentam algumas dificuldades tanto teóricas, como empíricas, quando o que está em jogo são os dados do PB.

5. Análise das formações com *-inh*: estrutura sintática e ordem linear

Nesta seção procuramos desenvolver uma análise capaz de derivar as propriedades empíricas detectadas na formação de diminutivos com o sufixo *-inh* e descritas na seção 3. De maneira geral, duas preocupações básicas guiam a seção: propor uma estruturação sintática, que dê conta da organização hierárquica dos núcleos que compõem as formações diminutivas, bem como derivar a ordenação linear desses núcleos.

É interessante ressaltar, no entanto, que parece haver uma tensão entre estrutura sintática e ordem linear nos dados de diminutivo construídos com o formador *-inh*. Mais especificamente, os diagnósticos sintáticos, semânticos e fonológicos apontam para uma estrutura na qual núcleo GEN e raiz estão em uma relação estruturalmente local, o que conseqüentemente deveria gerar a ordem *raiz-gênero-diminutivo*. Por outro lado, a ordem linear observada nos dados é *raiz-diminutivo-gênero*, ou seja, a realização fonológica do núcleo que aloja o diminutivo aparece linearmente entre raiz e gênero.

5.1 O diminutivo é parte da projeção estendida do nome?

Começaremos a investigação a respeito da natureza do diminutivo *-inh* discutindo a hipótese de que ele seja parte do conjunto de projeções funcionais que participam da formação do nome. Tomando como ponto de partida a ideia de que gênero e número são núcleos funcionais de projeção estendida, o procedimento seguido será o de comparar as propriedades dos diminutivos com esses dois núcleos com a intenção de avaliar as semelhanças e diferenças entre os seus comportamentos.

Diferentemente de gênero e de número, que são obrigatórios, o diminutivo é um elemento que pode ser considerado opcional. Isso significa que estruturas sem ele são completamente bem formadas¹⁰. Se dissermos que o diminutivo é parte da projeção estendida do nome, teremos que, na ausência dele, conseqüentemente postular um traço do tipo [-diminutivo] ou um morfema zero ocupando tal núcleo. Não parece haver qualquer evidência da necessidade de se utilizar esse tipo de dispositivo para tratar das formações diminutivas.

Dessa mesma forma, diferentemente dos traços de gênero e de número, o diminutivo não desencadeia qualquer tipo de concordância. Assim, o fato de um

10. Um parecerista anônimo lembrou a existência de dados de diminutivos não composicionais, tal como em *caipirinha*, por exemplo, questionando se o diminutivo seria opcional nesses casos. Por limitações de espaço a não composicionalidade não poderá ser discutida neste artigo. No entanto, a nossa ideia em relação a esses dados é que a mesma estrutura sintática seja capaz de derivar os dados composicionais e não composicionais, sendo o licenciamento da leitura não composicional delimitado pela existência de material funcional entre a raiz e o diminutivo. Para maiores detalhes, conferir Armelin (2015).

elemento estar na sua forma diminutiva não obriga, de maneira nenhuma, que qualquer outro elemento da sentença esteja também na forma diminutiva.

- (24) a. O menino bonito acordou bravo.
b. O menininho bonito acordou bravo.
c. O menino bonitinho acordou bravo.
d. O menininho bonitinho acordou bravinho.

Qualquer combinação de formas diminutivas e não diminutivas entre os nomes e adjetivos dos exemplos acima resultará em uma formação gramatical na língua. O mesmo não é verdadeiro quando gênero e número estão em jogo, cujos traços formais desencadeiam concordância com outros elementos na sentença. Tal fato parece indicar que, na verdade, diminutivo não deve ser considerado um traço sintaticamente ativo, diferentemente de número e de gênero.

Outra diferença importante que separa a marcação diminutiva do funcionamento de número e de gênero é a possibilidade de haver mais de uma marca de diminutivo na mesma formação. O resultado interpretativo da recursividade da marca de diminutivo pode ser bastante variado. No entanto, o que importa nesse momento da discussão é que não há nenhuma recursividade correspondente no domínio da marcação de número ou de gênero.

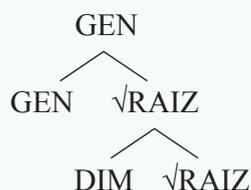
Em resumo, vimos, nesta seção, que o diminutivo se comporta de maneira bastante diferenciada das propriedades apresentadas por gênero e número. Assim, o diminutivo é opcional, não desencadeia qualquer tipo de concordância e pode ser recursivo, aparecendo mais de uma vez em uma mesma formação. Por outro lado, gênero e número são obrigatórios, desencadeiam efeitos de concordância e não são recursivos. Tudo isso aponta para o fato de que, se gênero e número são parte da projeção estendida do nome, muito possivelmente esse não é o caso do diminutivo.

5.2 Estrutura sintática: mapeando uma relação de dependência com o núcleo GEN

Na subseção 4.1, em que discutimos os diminutivos do PB a partir dos parâmetros e diagnósticos propostos em Wiltschko e Steriopolo (2007), colocamos em evidência os problemas gerados por uma estrutura em que o marcador de diminutivo esteja diretamente adjacente à raiz. Dentro da estrutura funcional que assumimos até então, com a presença de um núcleo de gênero, para que o diminutivo seja adjacente à raiz, ele deveria ser mais baixo que o núcleo GEN, resultando na estrutura abaixo:

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

(25) DIM concatenado à raiz



Tal estrutura é, em um primeiro momento, bastante atraente por alguns fatores. O primeiro deles é que a relação de localidade estrutural entre raiz e o núcleo de gênero fica assegurada. A localidade entre esses dois nós sintáticos é importante, pois dá conta do fato de que a especificação dos traços do núcleo de gênero depende de uma negociação com a raiz. Nós assumimos, neste trabalho, a ideia que a raiz é destituída de qualquer traço formal que a torne relevante para a computação sintática. Nesse sentido, a raiz não é capaz de selecionar nenhum núcleo de derivação. A ideia é que o próprio núcleo de gênero, com sua especificação de traços, é que seja responsável por selecionar a raiz. Tal relação necessita atender uma condição de localidade para ser licenciada e tal condição é satisfeita na estrutura acima. Essa estrutura ainda dá conta da ordem linear *raiz-diminutivo-gênero*, que é a ordem encontrada na língua e que poderia ser facilmente derivada através de movimento de núcleo.

No entanto, há que se colocar em discussão até que ponto raiz e GEN estabelecem uma relação local na estrutura em acima. Na verdade, existem dois tipos de relação de localidade que precisam ser levadas em consideração: a adjacência estrutural e a adjacência linear. A adjacência estrutural diz respeito tão somente às relações hierárquicas estabelecidas entre nós sintáticos. Do ponto de vista estrutural, GEN e raiz estão adjacentes um ao outro na estrutura acima. A adjacência linear, por sua vez, diz respeito às relações entre os conteúdos fonológicos de cada nó sintático. Do ponto de vista das peças fonológicas, raiz e GEN não estão em uma relação local, dada a presença do diminutivo que intervém entre eles.

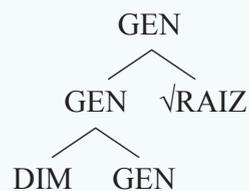
A partir desse raciocínio, se nós retomarmos a formação de diminutivos de nomes masculinos terminados em *-a* no PB (cf.: (14)), veremos que essa vogal altamente marcada no contexto de masculino, é capaz de aparecer na forma de superfície apesar da presença do diminutivo. Tomando por base uma teoria localista de formação de palavras, na qual a interação alomórfica entre dois nós sintáticos depende, essencialmente, do estabelecimento de uma relação local entre eles, a consequência que imediatamente se coloca é a seguinte: se a interação alomórfica for sensível à adjacência linear, então, a estrutura em acima, na qual GEN e raiz não estão linearmente adjacentes, não dá conta de explicar o comportamento dos dados. Assim, os dados nos quais uma vogal final altamente marcada se superficializa mesmo com a presença do diminutivo

parecem estar apontando para o fato de que uma relação linearmente local é necessária entre raiz e GEN.

Além disso, como já apontamos anteriormente, se o diminutivo fosse tão baixo na estrutura sintática, seria esperado que ele pudesse aparecer linearmente antes de afixos derivacionais, o que não se confirma pelos dados. Nesse mesmo sentido, não há nenhuma evidência de interação fonológica entre diminutivo e raiz, mesmo em casos nos quais seria esperado que tal interação acontecesse, haja vista o comportamento de afixos derivacionais que se anexam diretamente à raiz e apresentam um comportamento fonológico totalmente diferente daquele apresentado pelo formador de diminutivo. Por fim, as formações participais e gerundivas constituem evidências interessantes de que a presença do diminutivo está condicionada à presença de traços nominais de gênero e de número, o que não é previsto por uma estrutura na qual o diminutivo se anexa diretamente a uma raiz não categorizada.

Nesse sentido, uma possível execução da correlação entre diminutivo e traços nominais seria concatenar, diretamente, um núcleo de diminutivo ao núcleo de gênero. Se supusermos, por exemplo, que tal concatenação é anterior à anexação dentre gênero e raiz, a estrutura resultante é a que se pode ver abaixo:

(26) DIM concatenado a GEN



A estrutura em (26) é capaz de dar conta de algumas das propriedades empíricas detectadas na formação do diminutivo no PB. A intervenção do núcleo GEN entre o diminutivo e a raiz prevê que nenhuma interação fonológica pode haver entre DIM e Raiz, o que é confirmado pelos dados. A estrutura em (26) respeita as relações de localidade entre GEN e Raiz, evidenciadas pelo fato de que (i) a forma diminutiva e a forma não diminutiva possuem os mesmos traços de gênero e (ii) o conteúdo fonológico do núcleo GEN pode ser idêntico nas formas diminutivas e não diminutivas¹¹.

11. Um parecerista anônimo apontou que nomes e adjetivos apresentam comportamento sintático diferente, fato que possivelmente a proposta desenvolvida neste artigo não consiga capturar, uma vez que ela dispensa com os núcleos especializados em categorização como *n* e *a*, por exemplo. Gostaríamos de apontar, no entanto, que o comportamento de nomes e adjetivos apresenta muitas similaridades, o que, na verdade, torna fluida a fronteira entre as duas categorias. Não é possível nos limites deste artigo delinear claramente a separação entre adjetivos e substantivos. No entanto, deixamos como hipótese a possibilidade de que os nomes apresentem seu núcleo GEN especificado para o valor de gênero, sendo responsável, portanto, por desencadear concordância. Os adjetivos, por sua vez, podem ter o núcleo GEN não valorado, tendo que buscar seu valor via concordância com o nome.

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

Especificamente no caso dos nomes femininos terminados em *-o*, há uma variação dialetal interessante na formação do diminutivo (cf.: Guimarães; Mendes 2010). Nesse sentido, a vogal final que completa o formador *-inh* pode ser (i) idêntica à vogal final da forma não diminutiva correspondente ou (ii) pode expressar a marcação *default* de gênero feminino.

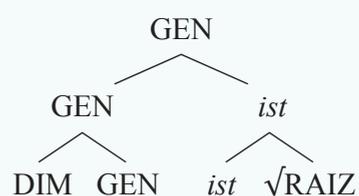
(27) Variação na forma diminutiva de nomes terminados em *-o*:

- | | | |
|-----------|-----------|---------|
| a. a moto | a motinho | |
| b. a moto | a motinha | *a mota |
| c. a foto | a fotinho | |
| d. a foto | a fotinha | *a fota |

Para explicar esse comportamento variável, propomos que o paradigma acima é explicado pela relação de dependência entre a vogal que completa a forma diminutiva e a vogal que ocupa o núcleo GEN. Em termos gerais, propomos que, nos casos em que as formas diminutiva e não diminutiva possuem a mesma vogal, a vogal final *-o* é propriamente o *spell-out* do núcleo GEN. Por outro lado, quando a forma diminutiva apresenta uma vogal diferente daquela presente na forma não diminutiva correspondente, propomos que a vogal final *-o* da base tenha sido reanalisada pelo falante como parte da raiz. Crucialmente, a vogal relevante não ocupa o núcleo de gênero. Com o núcleo de gênero fonologicamente vazio, a vogal final que segue o diminutivo restará seguir as instruções mais gerais de inserção fonológica para o núcleo GEN, gerando dados como *motinha* e *fotinha*.

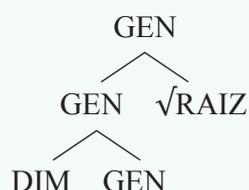
Voltando à estrutura proposta em (26), ela é capaz de capturar também a interação com afixos derivacionais, uma vez que eles estariam adjacentes à raiz, tal como ilustrado abaixo:

(28) DIM em nominiais derivados

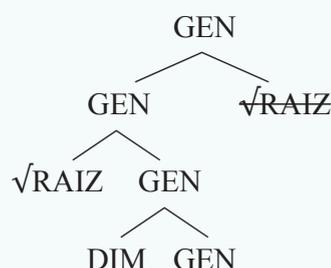


Por fim, é interessante observar que a estrutura em (26) pode ser linearizada através do mecanismo de movimento de núcleo, responsável pela criação de núcleos complexos que formam a unidade da palavra. A linearização da estrutura em questão está ilustrada a seguir:

(29) a. Estrutura sintática



b. Formação de núcleo complexo



Na estrutura sintática em (29b), há um movimento de núcleo da raiz. Assim, a raiz se move para o núcleo mais próximo, ou seja, para GEN, que é um núcleo complexo, formado pela presença de DIM adjungido a ele. Isso significa que GEN e DIM já estão na relação que seria criada por um possível movimento de núcleo. Assim sendo, não há razão alguma para se assumir qualquer movimento de DIM para GEN ou vice-versa. O único nó que precisaria se mover na estrutura em (29) é a própria raiz. Mais especificamente, é plausível assumir que a raiz se adjunge ao núcleo mais local que a c-comanda, que é exatamente o núcleo de gênero, gerando a ordem linear prevista nos dados da língua.

6. Bachrach e Wagner (2006): uma estrutura sintática para os diminutivos do PB

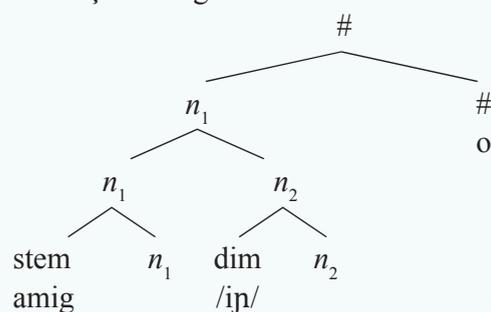
Ao discutirmos propostas de categorização para as raízes presentes na literatura, apresentamos duas possibilidades diferentes de análise, cada qual associada a seu quadro teórico. Mais especificamente na MD, a categorização é feita através da presença de núcleos categorizadores especializados. A proposta que implementamos na seção anterior, por sua vez, apoiada nos desenvolvimentos do modelo XS, assumiu a possibilidade de que segmentos funcionais de projeção estendida fossem também capazes de categorizar as raízes. Tal escolha se deu no sentido de preservar as relações de localidade que se tornam salientes ao olharmos para o comportamento empírico dos dados. Bachrach e Wagner (2006), por sua vez, assumindo o modelo de categorização proposto pela MD, desenvolvem uma análise sintática para formações diminutivas do PB. A ideia dessa seção é, então, comparar a adequabilidade da proposta dos autores e da proposta desenvolvida na seção acima.

Bachrach e Wagner (2006) propõem que os formadores de diminutivo do PB são adjuntos que podem se anexar em alturas diferentes da estruturação sintática: abaixo ou acima de um núcleo de número. Tal proposta é diferente daquela desenvolvida em Wiltschko e Steriopolo (2007), cujos parâmetros previam a anexação acima ou abaixo do primeiro núcleo categorizador. Dessa maneira, Bachrach e Wagner (2006) trabalham tanto com as construções diminutivas formadas com *-inh*, quanto com aquelas construídas com o

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

formativo *-zinh*. A proposta dos autores é a de que a fonologia do diminutivo ou, mais especificamente, a presença ou a ausência da consoante *-z*, não se correlaciona imediatamente à posição sintática alta ou baixa. Nesse sentido, a consoante *-z* é vista, então, como um recurso fonológico que evita uma estrutura fonológica infeliz, tal como a formação de um hiato, por exemplo. Como o estatuto da consoante *-z* está fora do escopo deste artigo e, diante das limitações de espaço, traremos, nesta seção, somente das estruturas de diminutivo baixo proposta pelos autores.

(30) Diminutivo baixo
Formação: amiguinho



(Bachrach; Wagner 2006:05)

Na análise de Bachrach e Wagner (2006), o diminutivo se concatena a um núcleo categorizador nominal do tipo *n*. Os autores assumem a ideia de que categorizadores são núcleos de fase dentro do domínio de formação de palavra (cf.: Marantz 2001). Sendo assim, eles desencadeiam o *spell-out* do seu complemento, que é, então, enviado para ser interpretado pelas interfaces PF e LF. É importante ressaltar que o material interpretado pelas interfaces passa a ser inacessível para os próximos passos da computação sintática. A ideia, então, é que diminutivo e raiz sofrem *spell-out* em domínios separados, o que seria responsável por capturar os padrões fonológicos detectados na formação diminutiva, especialmente, a ausência de interação fonológica entre o diminutivo e a base. Na estrutura que propomos neste trabalho também diminutivo e gênero estão suficientemente longe um do outro para que a interação alomórfica entre eles não possa ser licenciada.

Segundo Bachrach e Wagner (2006), a estrutura sintática em (30) também seria capaz de capturar a relação entre diminutivo e morfologia derivacional, ou seja, o fato de que o diminutivo, no PB, não pode anteceder morfologia derivacional.

No entanto, não é muito claro que a relação entre o diminutivo e os morfemas derivacionais seja prontamente derivada na proposta dos autores. Na verdade, ao considerarmos o fato de que os núcleos categorizadores podem ser fonologicamente nulos ou podem receber conteúdo fonológico aberto, quatro diferentes possibilidades são previstas, dada a interação entre os dois categorizadores presentes na estrutura:

Tabela 2 – Interação entre categorizadores e diminutivo em Bachrach e Wagner (2006)

	n_1	n_2	Output
(a)	Realizado	nulo	pianistinha
(b)	Nulo	nulo	pianinho
(c)	Nulo	realizado	*pianinhista
(d)	Realizado	realizado	*pianistinhada

Na tabela acima, em (a) o núcleo categorizador que se concatena à raiz é fonologicamente realizado, enquanto aquele que se concatena com o diminutivo é zero e o resultado é algo do tipo *pianistinha*, que é perfeitamente possível nos dados do PB. Já em (b), os dois núcleos categorizadores são zeros, gerando algo do tipo *pianinho*, que também é facilmente encontrado nos dados do PB. No entanto, em (c), o categorizador que se concatena à raiz é vazio, enquanto aquele que se relaciona com o diminutivo é fonologicamente realizado, gerando uma sequência fonológica *raiz-categorizador-diminutivo-categorizador*, que é agramatical no PB. Consequentemente, a estrutura proposta pelos autores não captura o fato de que o diminutivo não antecede morfologia derivacional. Dado o sistema proposto, é ainda possível que ambos os categorizadores sejam realizados, gerando o *output* ilustrado em (d), que também é agramatical no PB. É interessante ressaltar que a agramaticalidade não pode ser atribuída à impossibilidade de se atribuir sentido à derivação, uma vez que (c) poderia significar algo como ‘um pianista que toca pianos pequenos’, enquanto (d) poderia ser interpretado como ‘um grupo de pianistas pequenos’, por exemplo. Para que o sistema não sobrege, seria preciso assumir que n_1 e n_2 possuem propriedades diferentes: enquanto o primeiro deles pode ser tanto zero como fonologicamente realizado, o segundo, por sua vez, precisa ser sempre zero.

7. Considerações finais

Este trabalho investiga a estrutura morfossintática dos diminutivos construídos com o formador *-inh* no PB. A proposta sintática desenvolvida mapeia o diminutivo no interior de uma projeção de gênero, que é responsável por fornecer categoria para a raiz. Essa estrutura parece ser capaz de apropriadamente captar o comportamento empírico das formações diminutivas do PB. As propriedades empíricas associadas ao formador de diminutivo *-inh*, descritas e discutidas ao longo deste artigo, estão retomadas abaixo. Cada uma delas vem acompanhada da explicação oferecida pela análise desenvolvida nas seções anteriores.

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

- (a) Construções participiais com os auxiliares *ser/estar* se flexionam em gênero e número e aceitam marca de diminutivo. As construções participiais com *ter/haver*, por outro lado, não apresentam flexão de gênero ou de número e nem licenciam a anexação do diminutivo. Paralelamente, formações de gerúndio que não licenciam a flexão de gênero ou de número passam a ter tais flexões licenciadas na presença do diminutivo.
Proposta: o diminutivo se concatena a uma projeção de gênero. Para que o diminutivo seja licenciado, é necessário que haja uma projeção de gênero na estrutura. Esse fato é capaz de dar conta da associação entre a presença de marcas de gênero e a presença do diminutivo.
- (b) O valor do traço de gênero da forma não diminutiva e da forma diminutiva é o mesmo.
Proposta: o diminutivo é sintaticamente incapaz de projetar *e*, por isso, ele não pode determinar as propriedades das formações de que ele participa.
- (c) Os expoentes *-e* e \emptyset não podem aparecer depois do diminutivo *-inh*.
Proposta: possivelmente *-e* e \emptyset não são expoentes fonológicos possíveis para o núcleo de gênero.
- (d) A raiz ou um afixo derivacional podem condicionar o expoente fonológico do núcleo de gênero, ainda que superficialmente o diminutivo esteja intervindo na relação entre eles.
Proposta: o diminutivo não interfere na relação entre a raiz e o núcleo GEN, uma vez que não projeta seu rótulo na estrutura sintática.
- (e) O diminutivo *-inh* aparece depois de afixos derivacionais e não antes deles.
Proposta: o diminutivo não interfere na relação entre raiz e seu categorizador.
- (f) Não há evidência de interação fonológica entre o diminutivo *-inh* e a raiz, mesmo em contextos nos quais processos fonológicos do PB se mostram produtivos.
Proposta: o licenciamento da interação fonológica entre nós sintáticos depende de uma relação de localidade estabelecida entre eles. O diminutivo, no entanto, não está numa relação local com a raiz, uma vez que um núcleo de gênero interfere entre eles.

Recebido em: 07/12/2016

Aprovado em: 07/07/2017

Email:

Paula Roberta Gabbai Armelin paula.rg.armelin@gmail.com

Referências

- ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. 2014. Classifying Nominals in Brazilian Portuguese. In: *Complex Visible Out There: Language, Use and Linguistic Structure*. Edited by Ludmila Veselovská and Markéta Janebová. Olomouc Modern Languages Series, vol. 4, p. 67-82.
- ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. 2015. *A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro: Uma abordagem sintática da formação de palavras*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARONOFF, Mark. 1976. *Word-Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- BACHRACH, Asaf; WAGNER, Michael. 2006. Syntactically Driven Cyclicity vs. Output- Output Correspondence: The Case of Adjunction in Diminutive Morphology. Trabalho apresentado no *U. Penn Working Linguistics Colloquium*.
- BISOL, Leda. 2010. O Diminutivo e suas Demandas. *DELTA*, v. 26, n.1: 59-85.
- BORER, Hagit. 2003. Exo-skeletal vs. Endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon', in Moore, J. and M. Polinsky (eds.) *The Nature of Explanation in Linguistic Theory*. Chicago: University of Chicago Press (CSLI), 31–67.
- BORER, Hagit. 2005a. *In Name Only: Structuring Sense, Vol. I*. Oxford: Oxford University Press.
- BORER, Hagit. 2005b. *The Normal Course of Events: Structuring Sense, Vol. II*. Oxford: Oxford University Press.
- BORER, Hagit. 2013. *Taking Form: Structuring Sense, Vol. III*. Oxford: Oxford University Press.
- CAMARA JR. 1970. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- CHOMSKY, Noam. 1970. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Ginn and Company, p. 184-221.
- CHOMSKY, Noam. 1995. Bare phrase structure. In Weibelhuth, G. (ed.) *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Cambridge, MA: Basil Blackwell, 383–440.
- CHOMSKY, Noam. 2000. *Minimalist Inquiries: The Framework*. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds.). *Step by Step: Essays on*

Restrições de localidade nas formações de diminutivo do português brasileiro: mapeando uma relação de dependência entre *-inh* e gênero

- Minimalist Syntax in Honor to Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 89-156.
- CHOMSKY, Noam. 2005. Beyond Explanation Adequacy. In: BELLETTI, A. (ed.) *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures Vol. 3*. Oxford: Oxford University Press, 104-31.
- EMBICK, David. 2007. Linearization and Local Dislocation: derivational mechanisms and interactions. *Linguistic Analysis*, v.33: 303-336.
- EMBICK, David. 2010. *Localism versus Globalism in Morphology and Phonology*. Cambridge: MIT Press.
- EMBICK, David; ROLF, Noyer. 2007. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, Gilliam; REISS, Charles (eds). *The Oxford handbook of Linguistics Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, p. 298-324.
- FERREIRA, Marcelo. 2005. Diminutives in Brazilian Portuguese and Output-Output Correspondence. In: *Theoretical and Experimental Approaches to Romance Linguistics*. Selected papers from the 34th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), Salt Lake City, 2004. Edited by Randall Gess and Edward J. Rubin. New York: John Benjamin Publishing Company, p.109-123.
- GREENBERG, Joseph H. 1963. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In Greenberg, Joseph H. (ed.), *Universals of Human Language*, 73-113. Cambridge, Mass: MIT Press.
- GRIMSHAW, Jane. 1991. *Extended Projections*. MS, Brandeis University.
- HALLE, Morris. 1973. Prolegomena to a theory of word-formation. *Linguistic Inquiry*, v. 4, n. 1, p. 3-16.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. 1993. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds.). *The view from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 111-176.
- LEE, Seung-Hwa. 1995. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. Tese de Doutorado Unicamp - IEL Campinas.
- LEE, Seung-Hwa. 1999. Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.8, n.1.
- LEITE, Yonne de Freitas. 1974. *Portuguese Stress and Related Rules*. Tese de Doutorado. Universidade do Texas.
- MARANTZ, Alec. 1997. No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, Alexis; SIEGEL, Laura; SUREK-CLARK, Clarissa; WILLIAMS, Alexander. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, p. 201-225.
- MARANTZ, Alec. 2001. *Words and Things*. Manuscrito. NYU.
- MENUZZI, Sérgio. 1993. *On the prosody of the diminutive alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. Manuscrito. Hil/University of Leiden.

- MORENO, Cláudio. 1977 *Os Diminutivos em -inho e -zinho e a Delimitação do Vocábulo Nominal no Português*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre, UFRGS.
- RAPPAPORT HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Building Verb Meanings. 1998. In: M. Butt and W. Geuder (eds.). *The Projection of Arguments*. CSLI Publications, Stanford, CA, p. 97-134.
- VILALVA, Alina. 2000. *Estruturas Morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- WETZELS, W. Leo. 1991a. Contrastive and Allophonic Properties of Brazilian Portuguese Vowels. In: Wanner, Dieter and Douglas A. Kibbee (eds.), *New Analyses in Romance Linguistics: Selected papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages XVIII*, Urbana-Champaign, April 7-9, 1988.
- WETZELS, W. Leo. 1991b. Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: Uma Análise Auto-Segmental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v.21. Unicamp, Campinas.
- WETZELS, W. Leo. 1992. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos Estudos Linguísticos*, v. 22. Unicamp, Campinas.
- WILTCHKO, Martina; STERIOPOLO, Olga. 2007. Parameters of variation in the syntax of diminutives. In Milica Radisic (Ed.). *Proceedings of the 2007 Canadian Linguistics Association Annual Conference*.